

5.

Crônicas cariocas

5.1.

O Rio de Janeiro narrado pelo cinematographo de letras

Assim como João do Rio mostra, no decorrer da narrativa, a proposta de fazer de seu livro um cinema, revela também o fio condutor da obra no próprio subtítulo: “crônicas cariocas”. Na verdade, o próprio título como um todo *Cinematographo: crônicas cariocas* serve como base para uma análise, pois une o cinema e o Rio de Janeiro, os pontos principais do livro. Ao se fazer uma ligação entre esses pontos, é possível perceber facilmente o objetivo do escritor de produzir um filme que traga como temática a vida no Rio de Janeiro, como é exposto no próprio prefácio: “Com pouco tens a agregação de vários fatos a história do ano, a vida da cidade numa sessão de cinematógrafo” (RIO, 1909: V).

São esses fatos de um ano que vão servir de registro da cidade, fatos que servem de metonímia para representar toda a sociedade carioca, formada pelos “encantadores” dos salões, pela “canalha” de rua e pela classe média. João do Rio comenta a vida no Rio de Janeiro e desvenda os segredos dessa sociedade em cada crônica/fita que compõe o seu livro/filme.

Cinematographo: crônicas cariocas é um filme feito de cenas que, em conjunto, retratam o dia-a-dia carioca, no processo de modernização. As crônicas são estruturadas para documentar tudo que diz respeito à vida no Rio de Janeiro de 1908, seja a “cena” ou a “obscena” (GOMES, 1996:31), pois nada pode deixar de ser relatado tampouco esquecido. Trata-se do filme de um ano, da revista de um ano, dos fatos do ano de 1908; embora textos também publicados em outros anos sejam elementos participativos da narrativa que se deseja cinematográfica.

O Rio de Janeiro é o cenário do filme, no qual será narrada toda a multiplicidade que pode existir em uma cidade durante o processo de modernização. O encantamento por parte de uma grande maioria de pessoas no que se refere a esse processo e, por conseqüência, às mudanças pode ser observado em personagens como

o barão Belfort e o conde Sabiani, que deliravam com a dança da princesa jamaicana Verônica, em “Gente de Music-Hall”.

João do Rio cria um conjunto de oito crônicas para falar da Exposição de 1908. Vitrine da modernidade e do progresso, a exposição era uma forma de mostrar o Brasil para o mundo e, com isso, atrair capital estrangeiro: “(...) a sensação do Brasil num mostruário colossal para o mundo e para o próprio Brasil; e os resultados do conhecimento exato do estrangeiro, com a entrada de capitais para a exploração das riquezas nacionais e o desenvolvimento das indústrias” (RIO, 1909: 286). Nessas crônicas, o que se nota é uma exaltação do tempo presente, pois, para os “encantadores”, “nada mais agradável do que, em vez de suspirar recordando o passado, exclamar cheio de alegria: ah! Incomparável tempo o nosso de atividade e de talento!” (Ibidem: 185).

Para retratar o mundo da arte do início do século XX, além de enaltecer pintores como Henrique Bernardelli, Rodolfo Amoedo e Antônio Parreiras, João do Rio revela os tipos que freqüentavam a exposição:

A raça estava toda. Havia a dama animadora que pinta nas horas vagas entre os trabalhos de agulha e os exercícios ao piano, tomando posições científicas para observar as pinturas face-à-main no nariz, havia os rapins esperançados do Montmartre carioca que fica ali pelos lados da travessa Leopoldina; havia a coleção de mestres oficiais tratados com as considerações de Budhas ambulantes, havia os críticos desde os velhos até os pequenos de fralda que nunca viram um quadro e chamam de idiotas grandes artistas, havia a onda polimorfa do burguês achando sempre melhor o pior (...). (Ibidem: 186)

Ao descrever essas diferentes “raças” freqüentadoras das exposições, João do Rio faz uma crítica ao modismo da época e, sobretudo, registra hábitos e peculiaridades de uma parcela da sociedade do Rio de Janeiro, intitulada pelo escritor de “snobs cariocas”. Segundo João do Rio, os “snobs cariocas” além de mesquinhos e pretensiosos – como são os de outros lugares – acham feio ser brasileiro.

A desnacionalização dos estratos economicamente mais elevados do Brasil é abordada em outras crônicas. Em “Um problema”, o cronista conta alguns casos de “rapazes ricos que eram mais estrangeiros na sua terra que os próprios estrangeiros, mais deslocados e frios no próprio lar do que numa rua de Londres” e atribuiu esse

problema aos “produtos glaciais do snobismo ou da tolice dos pais, que acabam odiando a própria pátria e renegando a família” (Ibidem: 93).

Ao mesmo tempo em que João do Rio fala sobre os costumes da “gente de cima” (*apud* GOMES, 1996:63) – como o que alguns “estetas, imitando Montmartre”, tinham de “discutir literatura e falar mal do próximo” enquanto “enchiam o ventre de cerveja” (RIO, 1909:129) na Rua da Assembléia ou na Rua da Carioca –, também documenta os hábitos da “canalha”. Em “O barracão das rinhas”, por exemplo, o escritor apresenta o esporte feroz das brigas de galo, que aconteciam em um barracão à cerca de 100 metros da estação do Sampaio. Além dos costumes, alguns traços lingüísticos que marcam essa classe podem ser observados. Em “Dito da Rua”, o escritor ressalta expressões típicas, a linguagem do malandro e da capoeira, e destaca a gíria da época “E eu, nada?” que, mesmo não exprimindo nada, servia para inúmeras situações:

Esse dito é ouvido em cada canto e não exprime particularmente coisa alguma. É antes uma das mil faces da irreverência arrogante da canalha. O malandro pára, ginga, diz mordaz: – E eu, nada? (...) O cavalheiro conta uma mentira e sente a interrupção corrosiva: – E eu, nada? O cavalheiro leva uma conquista, e por trás ou de cara desnorteia-o a frase: – E eu, nada? O cavalheiro ganha o jogo, esbraveja, tem sorte, deplora-se, elogia-se. A frase vem como o obstáculo: – E eu, nada? (Ibidem: 121)

Apesar de se mostrar, por inúmeras vezes, eufórico no que diz respeito à modernização, João do Rio também demonstrava certa nostalgia ao imaginar que os signos do Rio antigo seriam apagados para que fosse erguida a cidade moderna:

A mudança! Nada mais inquietante do que a mudança – porque leva a gente amarrada essa esperança, essa tortura vaga que é a saudade. Aquela mudança era, entretanto, maior do que todas, era uma operação da cirurgia urbana, era para modificar inteiramente o Rio de outrora, a mobilização do próprio estômago da cidade para outro local. Que nos resta mais do velho Rio antigo, tão curioso e tão característico? Uma cidade moderna é como todas as cidades modernas. (Ibidem: 214)

O cronista valorizava o Rio antigo. A preservação dos signos da cidade marcaria a tradição, a história do lugar e da população que ali vivia. A reorganização

da cidade causaria a perda da identidade e da tradição, fato que origina em João do Rio, e em outros que viveram naquele momento, certo desconforto, como pode ser observado nas crônicas “O velho mercado” e “Horas da biblioteca”.

Um traço relevante da vida carioca naquele momento, também destacado na obra, era a pressa. O tempo mudou. A era da velocidade, do automóvel, da aceleração do ritmo de vida das pessoas já se fazia presente nas ruas da cidade. As renovações técnicas implicaram mudanças de hábitos e costumes, e João do Rio escolhe esse tema para tecer os momentos finais do filme de 1908, com a fita/crônica “A pressa de acabar”. Dessa forma, ele justifica o término da sua narrativa, pois ele tem pressa, o leitor tem pressa. O momento é outro, “já nada se faz com o tempo. Agora faz-se tudo por falta de tempo” (Ibidem: 385).

5.2.

O Rio de Janeiro narrado pela crônica-reportagem¹

Nas páginas da *Gazeta de Notícias*, o leitor pode visitar o início do século XX e conhecer muitos dos costumes da vida urbana, dos tipos, dos lugares e das histórias comuns daquela época. É sabido que o livro de 1909 também revela esse universo. No entanto, é no jornal que *Cinematographo* se coloca à disposição dos acontecimentos diários e, conseqüentemente, apresenta uma narrativa factual no sentido de retomar e, sobretudo, discutir os principais fatos da semana ou assuntos em voga naquele período. A partir de agora, o presente estudo é um convite para percorrer o universo de Joe² na coluna que deu origem a esta dissertação.

O início da viagem será um jantar no Smart-Club, evento que o cronista considera “curioso”. Ao relatar a noite, Joe observa a paisagem, as pessoas que dividem o ambiente e ainda mostra nostalgia pelo Rio antigo. É interessante observar a descrição que ele apresenta desses indivíduos:

¹ Neste tópico, as referências às colunas *Cinematographo* remetem às edições da *Gazeta de Notícias* do ano de 1908 e serão indicados apenas o dia e o mês entre parênteses.

² Vale reiterar que Joe foi o pseudônimo usado por Paulo Barreto para assinar a coluna *Cinematographo*.

começam a chegar os *smart-dinners*. Que curioso aspecto deste Rio moderno, do novo Rio! Há franceses condecorados, de gestos vulgares; há ingleses de smoking e parasita, americanos de casaca, e também de roupa de brim branco com sapatos de jogar o futebol ou o law-tennis; há os nossos elegantes, essas figuras que esperam uma pena como a do Abel Hermant para ficarem imortalizados na galeria da insignificância com risos artificiais, risos postiços, gestos a contragosto do corpo, todos eles bonecos vítimas da diversão *chanteclair*; há os *noceurs* e os *niches* ricos ou jogadores, cuja primeira refeição deve ser o jantar e que aparecem de olheiras, a voz pastosa pensando no *baccarat chemin de fer*, no 9 de cara e nos pedidos do último *béguin*... Que galeria! (...) homens, que se cumprimentam rápido, dizendo apenas a última sílaba das palavras: — *B'jour Plo*... deus. Algumas vêm arrastando vestidos de três mil francos, preparadas como um centro de mesa; outras têm atitudes simplistas dos primitivos italianos. Há na sombra luminosa do terraço um desfilar de figuras que lembram Rossetti e Helleu, Mirande e Capielo; Herman-Paul e também Abel Faivre, porque há *cocottes* gordas, muito gordas e pintadas, ajaezadas de jóias (o brasileiro gosta de abundâncias) suando e praguejando. (12 de janeiro)

Joe discorre sobre as categorias dos presentes no jantar. Por meio de uma narrativa irônica, percebe-se a crítica àquelas pessoas que aderiram com veemência à modernidade, passaram a tomar como modelo comportamentos estrangeiros e, nessa busca, acabaram sendo bizarros e passíveis de críticas. E é observando esse cenário e “atacando um prato de molho” ao som de uma valsa que ele se pergunta onde está o antigo Rio, “sem Smart-Club, sem cães, sem avenidas e esse ruflo luminoso de pequenas fadas da noite cintilando por entre as mesas de um jantar curioso...” (12 de janeiro)

Assim como no livro de 1909, as crônicas “O velho mercado” e “Horas da biblioteca” revelam a nostalgia no que diz respeito à antiga cidade, ainda na edição de 12 de janeiro da *Gazeta*, é possível também identificar essa saudade do velho Rio na conversa³ de Joe com um amigo. Inicialmente, eles fariam um passeio pelos becos. Decidem, então, ir até o Novo Mercado. Instaura-se, a partir daí, um diálogo nostálgico. O amigo se assusta ao ver que tudo “está calçado, arejado, *avenidado*”. E indignado questiona: “Este mercado, onde não moram mais os mercadores, esse mercado fechado e higiênico pode ser aquela antiga praça centro da miséria, da luxúria viscosa, de tantas e tantas tradições?”

³ Vale destacar que a conversa é um procedimento discursivo recorrente em Paulo Barreto. Em muitos textos, a narrativa inicia a partir de um encontro do narrador com um amigo ou conhecido e, conseqüentemente, é estabelecido um diálogo entre ambos.

A mesma indignação é notada quando Joe escreve sobre o corte das praias para a construção do cais. Apaixonado pelo mar, o cronista não se conforma com a perda:

Já não podia ir ver os idílios completos da praia do Russell à noite, já não encontraria no Boqueirão, mais ou menos indiferentemente nus, os *rowers* modernos tritões, já não podia com dignidade e poesia sentar numa pedra onde atracam lanchas para sonhar. A lancha é a negação do sonho. Nem Homero nem o poeta Luiz Pizarini seriam capazes de escrever versos diante de uma lancha. Quanto mais eu! E o cais, novo e de pedra, parecia a muralha definitiva entre a imaginação carioca e as vagas da Guanabara... (31 de maio)

A perda do mar na parte central da cidade significa para o escritor um impedimento para as abstrações que levam a versos e para pensamentos que originam os textos dos que vivem da observação. Joe considera ainda que seria a perda do “conhecimento completo da sociedade” em que vivem.

Devoradas pelo progresso, a sociedade e a cidade vão perdendo suas características. Segundo Joe o “aspecto da multidão mudou” (23 de agosto) e o que ele sente é “aquele exército outro, diverso do das antigas festas, mais elegante, mais fino” (Ibidem). E ainda decreta que “tudo parece extraordinariamente diverso” (Ibidem). Nesse sentido, Joe retrata também a expansão da fotografia no espaço urbano e entre a população. Em uma das crônicas do dia 30 de agosto, discute sobre a proliferação de fotógrafos na cidade e o exacerbado apelo no que diz respeito ao ato de fotografar:

Porque nós temos agora mais um exagero, mais uma doença nervosa: a da informação fotográfica, a da reportagem fotográfica, a do diletantismo fotográfico, a da exibição fotográfica — a loucura da fotografia. Já não há propriamente mais fotógrafos profissionais, porque toda a cidade é fotógrafa. Já não há propriamente pessoas notáveis cuja fisionomia se faça necessidade informativa dos jornais, porque não há cara que não seja publicada. Não só as caras. As caras não bastam. As ruas, as casas, os aspectos dos céus, os combustores da iluminação, os carros, as carroças, as montanhas, as árvores. (30 de agosto)

É engraçado observar que esse apontamento poderia se referir à atualidade. O apelo à imagem e a obsessão pelo informar torna, muitas vezes, a tarefa de registrar o fato ou eternizar determinado momento inconveniente, como já assinalava Paulo

Barreto no início do século passado. Essa mesma consideração tem-se ao ler uma crônica do dia oito de novembro que traz como temática o trânsito carioca. O cronista afirma ser a maioria dos atropelamentos provocada pela própria vítima que “fica nas curvas, e pára no meio da rua, e não atende ao apito dos cocheiros e volta-se furioso a insultá-lo”. Posteriormente, se revela um respeitoso admirador desses condutores de carruagens que “acabam quase sempre na cadeia por ‘atropelar’ – ó ironia do destino – transeuntes inofensivos...” (08 de novembro). Ao mesmo tempo, o cronista enaltece algumas novidades deste novo período como, por exemplo, a presença de cartazes na cidade. De acordo com o escritor, “o cartaz é a alegria e a arte da rua” (23 de fevereiro). Partindo dessa concepção, afirma que a “as ruas só são civilizadas quando andam cheias de cartazes. O cartaz é a roupa, é a *toilette* da rua” (Ibidem).

Um bairro que mereceu uma atenção especial de Paulo Barreto foi o de Botafogo. Já em 12 de abril, Joe aponta algumas peculiaridades de um ponto específico – o Pavilhão Mourisco – como o carrossel, o campo de patins, a charanguinha Flor de Botafogo e, por fim, a “gentinha botafoguense” que freqüentava o ambiente. Todavia, ao contar sobre um passeio com amigo pela Avenida Beira-Mar (publicação do dia 21 de junho), no mesmo bairro, Joe assume a sedução por este ambiente popular. O início da crônica revela um tipo de morador do bairro que gasta mais do que pode para manter a aparência:

Fica a maioria, toda essa gente que tem dez, mas que precisa gastar quarenta para aparentar ter cinqüenta, fica o enorme batalhão dos crucificados da Aparência, a grande Torturadora da Civilização. Cada vintém que eles gastam é um vintém chorado, cada compra que fazem (sempre nas primeiras casas) é a compra a prazo longo, cada objeto de seu uso é valorizado pela pose, pela proposa (*sic*) e por uma série de concertos íntimos e angustiosos. Os homens se não ganham nada, olham invejosamente os que ganham, e quando ganham, querem mais, continuam a ganhar e a invejar e a temer os maiores ganhadores. (21 de junho)

A conversa fluía bem até chegarem ao Pavilhão Mourisco e se depararem com aquele novo cenário com “cavouqueiros, mulheres lavadeiras, gente pobre e de pés nus”, além das “negrinhas e mulatas cheirando a éter floral”. Joe deixa transparecer seu interesse ao perceber que aqueles indivíduos “não são os empalados da exibição nem os forçados do luxo”. O amigo explica que é domingo e, neste dia da semana, as

festas são animadas por pessoas de outros bairros. O cronista se deixa atrair pelo que vê, acha divertido e deseja descer, mas o amigo – que criticava a vida de aparência de alguns moradores do bairro – não concorda por se preocupar com a reputação entre os conhecidos.

Paulo Barreto não negava seu amor pela vida urbana. Numa crônica do dia 12 de janeiro, discorre a respeito do tédio de estar na roça e confessa ser seu grande desejo receber jornais e cartas do Rio. No Hotel Hygino, clama por coisas que o liguem à cidade, pois o hotel do campo o irrita demais. O cronista chega a dizer que pode morrer de tédio ou de fúria e acaba confessando: “A floresta só em pequenas doses: a homeopatia do Passeio Público, ou a alopatia do Jardim Botânico.” Mais adiante, completa: “Porque eu abomino as árvores quando elas não são civilizadas ou cínicas como as da Praça Tiradentes que conversam com os cocheiros e esperam a saída das *cocottes* do Moulin Rouge...” (12 de janeiro).

Com disposição em demasia, a próxima experiência é vagar com Joe pelas noites do Rio de Janeiro. O narrador é completamente seduzido pela madrugada. Inquieto ao ver a luz do luar, sai às ruas para se perder e ao mesmo tempo se encontrar:

Saio. É preciso sair. Não é possível deixar de sair. A cidade é outra, a cidade toma um tom inédito. Parece que estamos na madrugada, e eu vou por aí, com uma vontade quando, apagados os combustores, e que voltamos de uma orgia fatigante. Que se fará na rua assim? E eu vou por aí, com uma vontade de descobrir imprevistos, de ver na treva talvez coisas horrendas, vendo apenas gente normal, e de vez em quando estralejamento escandaloso de lâmpadas elétricas forçando a treva com uma persistente golfada de luz. (...) Mas que estranha coisa é, mesmo assim, a cidade às escuras! As ruas tomam outro aspecto, um aspecto inteiramente diferente, como que distante, afastado, muito longe. (19 de abril)

Um dos programas noturnos que parece agradar a Joe é o chope no Passeio Público. Local onde se assiste aos “espetáculos”⁴ sem pagar, é considerado por ele o teatro dos boêmios, dos que não podem gastar muito, da simplicidade. Em virtude disso, um excelente divertimento no verão é ir ao Passeio Público e ver encher “uma infinidade de casinholas onde damas de todas as nacionalidades e cavalheiros sem

⁴ Parece que Paulo Barreto ao contar que assiste aos espetáculos, refere-se aos cantores de *chopps* e também ao comportamento das pessoas que freqüentavam o ambiente.

outro ofício servem chope e cantam...” (19 de janeiro). A simpatia pela noite é tamanha que até o Bar da Teutonia, um restaurante “com um eterno cardápio, desde o dia da abertura o mesmo até hoje” (26 de janeiro), é visitado por Joe. Em crônica do dia 26 de janeiro, acusa o lugar de servir limonadas “inconcebíveis”, além de empregar “garçons irascíveis”. Ainda assim, afirma o cronista, que o bar “coopera” para a civilização, pois, ao permanecer aberto durante 24 horas, possibilita a vida noturna. O escritor assinala ainda que agora já é possível passar uma noite inteira no bar, o que há algum tempo era algo impraticável.

Entre os lugares pelos quais passou o cronista, cabe destacar o Chat-Noir, no largo da Carioca, que deveria recordar “o centro dos fumistas, dos hidropatas e de outros boêmios da Bute Sacrée” (23 de fevereiro), além de fazer pensar na Academia Francesa. No entanto, surpreendentemente, era como qualquer outra casa de chope. O teatro Carlos Gomes, uma das preferências naquele momento, também foi cenário de uma das colunas. No dia 2 de fevereiro, Joe relata que passou o dia e a noite do domingo no teatro, no qual “não vão só os malucos da alegria: — vai também gente grave e triste para sair maluca.”

Os escritos de Joe revelam que no início de 1908 os teatros eram demasiadamente visitados. Os cidadãos assistiam a peças; depois, seguiam para restaurantes e a noite não acabava por aí. Depois do jantar, iam “a alguns dos milhares de clubes de jogo, freqüentados obrigatoriamente por homens de todas as posições sociais” (10 de maio). As mulheres não ficavam de fora. Freqüentadoras também eram as “*cocottes* com grandes *toilettes* de três a quatro mil francos, sustentadas por sindicatos de cavalheiros bem com Deus.” (Ibidem). A ostentação continuava até 4 da manhã quando se via “gente muito bem disposta partindo em *coupés* automóveis, depois de ter despendido talvez um conto, talvez dois...” (Ibidem). No dia 26 de abril, Joe – à frente do Moulin Rouge ao observar os costumes e tipos da cidade – reforça essa ostentação do carioca:

À beira do Moulin Rouge, que incendeia a praça com a escandalosa violência de um turbilhão de lâmpadas elétricas. A fila de tipóias de praça, de automóveis, de carros particulares começa a mover-se. É hora da saída, a hora que todas essas damas do alto tom da luxúria partem para os clubes de jogo a fazer o seu bac e a tentar o seu *miché*; a hora que esses senhores, depois de perambularem pelos camarotes, se forçam a ir perder notas de quinhentos, a bancar para *cocottes* ou a ir cear

divertidamente com as encantadoras bonecas do prazer. A saída é brilhante. Sob a brancura luminosa dos globos elétricos passam vestidos espetaculosos, *manteaux* de caro luxo, ondulam *écharpes*, processionam chapéus, chapéus maravilhosos e enormes, compostos de plumas de todos os pássaros exóticos da África e da Ásia, coriscam jóias, arrastam-se ondas de perfume. E fala-se francês, fala-se espanhol e italiano, fala-se inglês. Só falam português os cocheiros do carro. (26 de abril)

Esses sujeitos são o que Paulo Barreto denomina de vítimas do esnobismo. A esnobinite, diz o cronista, é uma “mortal epidemia de *chiquet* que dilacera a cidade” (17 de maio). Nessa mesma linha, comenta a respeito do luxo, uma perdição principalmente das mulheres. Na concepção de Joe, o dinheiro concorre com o verdadeiro amor e, muitas vezes, dá origem ao adultério, à prostituição e à perdição. Para ele, mais do que o dinheiro, é o luxo a grande perdição da humanidade e a destruição do amor. Inconformado, indaga: “Qual foi o espírito maligno que inventou a tanga mais enfeitada para encandecer os espíritos frívolos e pedir em troca alguns favores? Esse, positivamente, pôs o mundo à perdição”. (12 de julho)

Sobre o homem carioca, Paulo Barreto identifica que existe a preocupação de se vestir bem. Antigamente, cabia à mulher cuidar da roupa do cavalheiro. Geralmente, cada profissão usava “verdadeiras fardas à paisana” (06 de setembro); o médico, por exemplo, usava sobrecasaca preta e o poeta, por sua vez, depravadas polainas. Após a abertura da Avenida, revela o cronista, despertou-se no carioca a vontade de ser chique, passou então a se inspirar “em Londres, Paris e em Lisboa, onde é possível encontrar muita gente bem vestida, sem vintém, mas nunca uma pessoa com algum dinheiro mal trajada”. (06 de setembro). Apesar de tanta apreensão, parece que o carioca não tem a verdadeira elegância, é disso que Paulo Barreto se convence ao avistar uma “enorme senhora de vestido de veludo verde, grande chapéu sensacional, ajazada de pedraria que dava a impressão burlesca da condessa de Panadar da ‘Mascote’.” (05 de abril). O escritor atenta ainda para a especialidade dessas senhoras de transformar a rua em salão de baile e decreta: “Elegante, realmente elegante só o é quem nasceu elegante” (Ibidem).

No dia 30 de agosto, Paulo Barreto escreve sobre o contato entre os homens e os animais em uma grande cidade. De acordo com ele, os sujeitos urbanos têm apreço pelos bichos de uma forma estranha: os cães “são como elementos decorativos das senhoras, os cavalos ninguém os separa das conduções que puxam, salvo quando se é

membro da Sociedade Protetora dos Animais” (30 de agosto). Todavia, brinca que encontrá-los é uma maravilha ainda mais quando “logo dali sai para a civilização requintada, em pleno domínio da Cidade Maravilha” (30 de agosto). Essa relação também pode ser observada sob a ótica de um costume da época: o jogo do bicho – “moléstia mental, edêmica no Rio” –, que atinge “as três quartas partes da população” (02 de agosto). Em um dos textos da coluna, Joe relata a experiência de ter se passado por redator de uma das seções de “bicho” dos jornais para entender “o mundo estranho” desses jogadores.

A partir do contato com esses tipos, o cronista percebeu que tudo para eles é palpite: “Os números dos cupons de bondes, as chapas dos condutores, o resultado da renda da Alfândega, o produto das corridas de domingo, o primeiro número visto pela manhã, os anos dos amigos, o número das sepulturas” (02 de agosto). Quando o jogador começa a fazer questão de acertar, inicia o “campo infinito da loucura” (Ibidem). Há “mulheres que descobrem nos *clichés* dos logogrifos dos jornais outros bichos ocultos”, há “homens que contam as letras de uma linha impressa para tirar o palpite”, e ainda “outros que colecionam listas de loterias, para jogar hoje o que deu há dois anos” (Ibidem). Joe considera essa moléstia mental algo realmente espantoso e ironicamente revela o plano do Sr. Araújo para ganhar sempre: “jogando nos vinte e cinco bichos todos os dias...” (Ibidem).

Para Paulo Barreto, a moléstia não era só o jogo do bicho. O cronista tinha o amor como uma das piores desgraças da vida. No dia 17 de maio, escreve que, no referido mês, o número de notícias de suicídio aumenta por conta desse sentimento que acaba com a vida de crianças, jovens e velhos. Sobre esse sentimento, escreve: “não desejo nem aos meus amigos como não desejo para mim uma das violentas pestes asiáticas ou africanas, que afundam multidões à beira dos pântanos trágicos. O amor é a única, de todas as coisas temíveis, de que eu tenho um sagrado pavor” (17 de maio).

As estações de ano também são assuntos nos escritos de Paulo Barreto. Em 22 de março, afirma que o inverno remete a idéias interessantes como

encomendas ao alfaiate, o meio de arranjar convites para os bailes, que são sempre a probabilidade da ceia grátis, a complicação da cadeira no Lyrico para todas as

companhias, (...) os namoros com certas damas levianas, os *raouts* de uma casa capaz de sacrificar os credores ao *chic* de uma festa de aparência, os *five-o-clocks* e os *bridge* de mais outras. (22 de março)

É neste período também que ficam lotados os hotéis, a Câmara, o teatro e a própria cidade. No dia cinco de julho, relata a conversa de dois amigos que escutou quando estava no bonde. Um deles dizia que amava o inverno; para ele, estação verdadeiramente interessante que possibilita o luxo. Durante essa fase, as pessoas não suam, bebem conhaque, andam de paletó abotoado, luvas e a sensação é de estar em Londres. Já o outro, destaca alguns problemas como as ruas cheias de lama e afirma ser esta “a estação que mata a miséria e repugna o pobre” (05 de julho). Depois de ouvir o diálogo entre esses rapazes – considerados pelo cronista “idiotas” –, clama pelo “verão amado”, pelo “encantador verão” da sua terra “em que tudo é olência e fecundidade, contra a atroz agonia desse dia infinitamente triste” (Ibidem). Em 25 de outubro, reclama também da chuva durante o inverno. Para explicitar o horror a esse fenômeno da natureza, diz que quando o assunto é a água das nuvens considera o ser humano o parente mais próximo dos gatos e revela ser impertinente o uso “das horríveis galochas e desse utensílio negro e inútil, barraca ambulante, borboleta lúgubre, que o vulgo chama guarda-chuva” (25 de outubro).

Os santos invernais também marcam presença nos escritos de Joe. É possível afirmar que o mês de junho é apresentado como nostálgico sob a perspectiva das avós e mães de cinquenta anos. Ambas, nessa época, vivem a recordar a história “modesta e caseira” (21 de junho), o tempo em que “passaram crianças a pensar nos brincos, moças a pensar no futuro noivo, mães a temer desastres para os filhos” (Ibidem). Com emoção, relembram os tempos de Santo Antônio, São João, São Pedro e Senhora Sant’Anna; da “pureza dos lares com muito namoro, muitos foguetes, e bailes, e carás e melado, o encanto do céu todo aceso nas pupilas cegas dos balões soltos” (Ibidem).

Quando o assunto é folia, Joe não deixa de se pronunciar. Antes mesmo da festa, em 26 de janeiro, já estabelece uma analogia com a presença da esquadra Americana no Porto. De acordo com o cronista, o fato “emprestou ao Rio de Janeiro um aspecto de Carnaval”. Adiante, segue com a comparação:

Os marinheiros aos bandos são os cordões, cordões de alegria absolutamente carnavalesca, pelos instrumentos em que sopram, pela gritaria, pelo rumor diabólico de que são portadores, com este extraordinário espírito de caricatura inerente ao gesto alegre do americano. Depois, esses marinheiros, de pantalonas largas, mais ou menos a porejar whisky, são por si mesmos uma série de máscaras de nacionalidades diversas, falando de comum acordo uma língua interessante, que afinal, como acontece no Carnaval toda a gente compreende por mímica. Há italianos, há escoceses, há portugueses das ilhas, há negros relintos, há japoneses, há fisionomias de alemães, há mulatos lindos como figuras de alegria talhadas por faunos em marfim amarelo, há mesmo esses tipos de americano de tez pálida, cabelos de negro fulgor e olhos verdes, de uma vaga frialdade. E depois — é essa a razão principal — todas essas caras gritando, berrando *allô!* nas calçadas. (26 de janeiro)

No dia primeiro de março, assume-se folião nato ao declarar amor pelo Carnaval. Contudo, explica que tamanho afeto não se refere ao “carnaval elegante com fatos de seda e complicações de bailes ultra-perfeitos” (01 de março). O amor do cronista é pelo “carnaval delirante, despedaçante dos cordões suarentos, dos batuques, dos tambores, o carnaval da rua e dos bailes públicos, o carnaval em que a multidão urra, sem máscara, (...) suando e bebendo, na ânsia de todas as luxúrias, de todos os excessos” (Ibidem). Para ele, não existe no mundo festa que se assemelha ao Carnaval do Rio. É na folia que se pode cometer loucuras e sorrir, por isso é “uma explosão de desejos contidos durante trezentos e sessenta e dois dias”.

O fim do carnaval é tema da semana seguinte (08 de março). Joe mostra o outro lado da diversão, o lado das preocupações que nenhum folião demonstra ter durante os dias de festa, mas que faz parte da realidade. Atenta o escritor para o cansaço e a fadiga ao acordar na quarta-feira de cinzas. Neste instante, o pensamento, assegura ele, vai para a quantia usada para financiar tanta diversão e, em consequência, vem a pergunta: “por que fui eu estragar dinheiro e saúde sem me divertir lá essas coisas?” (08 de março). Sem muito tempo para lamentações, Joe aconselha: “Levanta-te e perde o automóvel das diversões, para retomar o normal da labuta e da desilusão!” (Ibidem)

Já que a discussão diz respeito a paixões brasileiras, seguir-se-á com Paulo Barreto também pelo futebol. Em 12 de julho, o escritor demonstra-se abismado com a dimensão da importância do esporte na vida das pessoas e se inclui nesse sentido. Em todos os lugares, só se falava na derrota para a Argentina. Acaba então por concluir que o futebol é “o mais admirável dos jogos”, “a nevrose na precisão”, “a

força potente na nevrose”, é enfim “a batalha”. Depois de uma semana, outra derrota. No dia 19 de julho, Joe parece não acreditar, pois “queria com alma que os brasileiros ganhassem”. Estabelece-se uma conversa entre o eu sentimental e o eu ponderado do cronista que, no final das contas, atribui a derrota à falta de treinamento e de disciplina do time. Chega ainda a ser mais crítico ao considerar que o “brasileiro é o modelo da indisciplina e a criatura mais convencida de que basta querer para fazer”. E constata: “Ora não é assim que se consegue coisa alguma na vida” (19 de julho).

Nas páginas da *Gazeta de Notícias*, Paulo Barreto também incorpora o “radical de ocasião” (CANDIDO: 1980) e se coloca diante de assuntos polêmicos. Discute questões relativas a divórcio e tenta amenizar esta situação, na época tida como anormal (16 de fevereiro e 12 de abril); defende a Maçonaria dos ataques da Igreja Católica (23 de agosto); fala do caso de moças que são retiradas de suas moradias, vistas como inadequadas moralmente para viverem (08 de março) e questiona se estar longe da família é realmente a melhor solução. No dia 12 de janeiro, denuncia as péssimas condições de trabalho dos estivadores, gente denominada por ele “miserável”. Em outra crônica, comenta também sobre a injustiça que fora retirar o deputado João Neiva da Câmara, “o mais popular representante do patriotismo baiano, desse bairrismo excessivo que é uma de suas glórias” (05 de julho) e a respeito da participação no Congresso de Assistência Pública e Privada, diz que volta convencido “de que um congresso, seja ele qual for, é sempre interessantíssimo. Mesmo porque não se resolve coisa nenhuma, segundo uns, e resolve-se muito, segundo outros – o que é e será sempre fator de continuação dos congressos” (11 de outubro).

A relação entre o Brasil e alguns países também permeia as crônicas da coluna *Cinematographo*. Em 21 de junho, Joe escreve sobre um encontro com casal que acabara de voltar de Paris. Animados, os pombinhos chegaram encantados com o inverno da Europa e contaram que visitaram a Itália, “desde Veneza com a sua gôndola clássica até Nápoles, estiveram em Paris, Lisboa” (21 de junho). Revelaram também a forte presença do teatro em Paris. E com uma viagem dessas, o casal, há pouco separado, reatou a vida amorosa. Nesse sentido, é importante destacar a presença do socialista italiano Enrico Ferri que pisou em terra brasileira a fim de

promover conferências para o “público da capital intelectual” do país (15 de novembro). Em crônica do dia nove de agosto, também discorre a respeito dessa questão ao tematizar a emigração dos artistas brasileiros: “O êxodo dos nossos melhores artistas continua. No dia 20, parte Theresina Chiarini, a bailarina, tão boa, tão delicada, tão inteligente; e muito em breve Assis Pacheco, o ilustre maestro brasileiro. Vão para Lisboa, contratados pela mesma empresa” (09 de agosto). O cronista não perde a oportunidade de repreender esse processo e reivindica melhores condições para estes artistas para que a arte no Brasil seja fomentada: “Nós é que um belo dia procuramos no verão um artista no Rio e não mais o encontramos. A indiferença, o esnobismo, a politiquice e a soma destes três elementos: o analfabetismo terá dado esse resultado” (Ibidem). Tomando como base essa perspectiva nacionalista, reclama do afastamento intelectual entre Brasil e Portugal. Observa que os poetas, artistas e filósofos nacionais não têm prestígio algum lá e soube por palavras de um amigo poeta que conheciam apenas: “Coelho Netto, Billac, Raymundo Correa e, de nome, muito, Jose do Patrocinio” (03 de maio). Os brasileiros, por sua vez, conhecem apenas “Eça, Ramalho, Fialho, Junqueiro, uma grande geração passada” (Ibidem). Joe considera espantoso países “irmãos em língua” e na “fonte de inspiração” (francesa) terem as literaturas tão “escandalosamente ignoradas”. Para ele, com um “pouco de menos preguiça” essa situação se reverteria.

A Exposição Nacional de 1908 – que aconteceu na Urca entre 11 de agosto e 15 de novembro – não poderia ficar fora do roteiro de Joe. Pela grande expectativa e importância, teve presença constante em muitas colunas dominicais. Em 28 junho, quase dois meses antes da abertura do grande evento, Joe já falava dos preparativos como as partituras do músico Assis Pacheco e das jóias dos exportadores Hugo Brill e Augusto Lopes que figuraram na Exposição. No dia nove de agosto, informava sobre o aumento do número de turistas no Rio de Janeiro e, em consequência, dos lucros comerciais. A ansiedade para o primeiro acontecimento desse porte a ocorrer nos tempos de República era imensurável, a vontade era a de mostrar a riqueza e a arte do país, sobretudo, o quão civilizados eram os que nele viviam.

Como era de se esperar, a inauguração da Exposição foi motivo de muita alegria, fato relatado em crônica no dia 16 de agosto. Neste mesmo dia, Joe escreve sobre a satisfação do brasileiro que “depois de percorrer a Avenida Beira Mar, da Central ao Cais da Saudade, não deixa de ter uma vibração de orgulho por ser brasileiro, por ser do Brasil, terra da beleza, da energia e da riqueza” (16 de agosto). Assume ele que, ao entrar na Exposição, o sentimento é ainda maior: “O brasileiro tem vontade de bater o pé e gritar para os lados — Eu sou brasileiro” (Ibidem).

O patriotismo é um sentimento despertado a partir desse grande evento que mudou o cotidiano da cidade, agora movimentada por pessoas bem vestidas andando pelas ruas, carros transitando, a vida sendo experimentada com muita intensidade. O cronista diz que nunca viu o Rio assim e conclui que o Brasil vive o seu grande momento, é participante do mundo civilizado. Vê a Exposição como o “início da grande era”, constata que o Brasil tem a obrigação de ser exportador, pois é um país dotado “de terrenos ubérrimos, de todos os climas, desde a neve ao calor sufocante” e importa praticamente tudo; marca do que era o país antigamente (18 de outubro).

No dia seis de setembro, fala do patriotismo paulista a partir da opinião da menina Nelly. Integrante de “família paulista que se preza” que inúmeras vezes esteve na Europa, a pequena diz que entre Rio e São Paulo, escolhe o Brasil porque o Brasil é São Paulo. O cronista não escondia sua admiração, amor e “doença” (16 de fevereiro) pela cidade. Em 16 de fevereiro, escreve que conhecer a capital é dever de todo carioca e fluminense. Segundo o escritor, o carioca precisa de um corretivo por “julgar toda a vida do Brasil apenas entre o largo do Machado e o largo do Paço” e a visita a São Paulo ajudaria e ensinaria muitas coisas. Afinal, os paulistas são demasiadamente adiantados e realmente sabem viver.

Na exposição, muitas pessoas iam admirar o pavilhão da enaltecida cidade. Joe diz que a visita se deu com muito sacrifício (04 de outubro), pois havia uma multidão querendo entrar. No entanto, explica que “era a multidão elegante, o mundo escolhido” e mais uma vez elogia “S. Paulo que sabe progredir, sabe fazer as suas festas, com um sentimento de distinção inato. Tudo aquilo num ambiente de sonho parecia regulado por fadas discretas e protetoras” (Ibidem). Digna da admiração do escritor é também Minas Gerais. Em 25 de outubro, discorre sobre as riquezas da

cidade expostas no pavilhão. Nas palavras de Joe, “a riqueza mineral de Minas desnorteia. É uma fantasia de sonho oriental” (25 de outubro). Durante visita à exposição, Joe se empolga e aproveita a oportunidade para caracterizar os tipos dos estados da federação:

Nós temos vinte famílias com caracteres típicos e definidos. O cearense é o bicho de resistência e de qualidades econômicas, o pernambucano tem a predominar-lhe as qualidades, a força ancestral; o baiano é mais diverso de um pernambucano, que um húngaro de um dinamarquês; entre o caudilho do sul e o seringueiro do norte há um verdadeiro abismo; entre os homens do Pará e o homem de São Paulo há como ligação única, o sentimento da pátria que cada vez se torna mais o sentimento da federação. Só no meio de todas essas raças definidas quase, o distrito federal é a cidade mescla, sem tipo, sem ideal, fanfarrona, bazofeira, tagarela e imensa como um imenso pano escocês. (13 de setembro).

No dia primeiro de novembro, escreve sobre a presença de um tipo na exposição: a dos sertanejos que vieram de Ubá. Joe conta que eles não conheciam o Rio e não sabiam ao menos o que era luz elétrica. Tarefa difícil foi convencer os matutos a permanecerem aqui, pois temiam quase tudo. Então, fatidicamente, pondera o cronista: “Gente do espesso sertão só no sertão seria alegre” (01 de novembro).

Não havia saída, a Exposição tinha data para acabar: 15 de novembro. No dia oito, Joe já anuncia a sua saudade: “os meus olhos já sentiam a tristeza saudosa, ao pensar que com mais quinze dias veria apenas ali a Treva...”. Contudo, o encerramento foi indescritível, confessa ele que nenhum colorista seria capaz de descrever aquela noite (22 de novembro) e narra: “Nunca os meus olhos viram tanta gente apertando-se, acotovelando-se. (...) Tinha-se uma impressão colossal. A Exposição para começar a mostrar ter gente precisava ter pelo menos cinco mil pessoas”. Conta o escritor que não havia um só lugar vazio, era uma despedida indizível com “duzentas mil pessoas aplaudindo com a sua presença a grande obra de estímulo nacional” (Ibidem).

Uma maravilhosa comemoração deveria ter também a imprensa naquele ano, como aponta Joe em algumas crônicas da coluna *Cinematographo*. No dia 10 de maio, conta que estava com Felix Pacheco e encontraram o Ernesto Senna seriamente magoado porque o centenário da imprensa no Brasil passaria despercebido. Em relação ao aniversário do seu ofício, comenta o cronista:

No dia 13 todos os pretos festejam a data da sua liberdade. E a 13 nós devemos festejar o centenário da nossa escravidão. Deve ser uma sessão fúnebre! (...) Que é o Senna? Que é o Felix? Que sou eu? Que somos todos nós? Homens que tem de dizer tudo o que viram e principalmente o que não viram. Nós somos os escravos do momento social. Ninguém se dirige a nós, os políticos, os artistas sem pensar na trombeta que a Fama abandonou por esfalfada nas mãos da Imprensa. Tenhamos a coragem de fazer uma festa lúgubre, a festa da nossa Escravidão. (10 de maio)

No domingo seguinte, Joe relembra “a figura esplêndida de José do Patrocínio” e, referindo-se ainda ao centenário, afirma que desapareceu o respeito às grandes datas. Outro nome da imprensa destacado na coluna foi o de Alcindo Guanabara. Em conversa com Irineu Marinho, é lembrado dos 25 anos de jornalismo deste homem que “é simplesmente admirável e não há, amando a profissão, quem não o respeite como o grande e o primacial” (14 de junho). Desejam então que as bodas de prata de Alcindo com a imprensa sejam “uma festa nobilitante e cheia da esperança e do orgulho de todos nós” (Ibidem).

Referente a essa temática, Paulo Barreto discute a ausência de uma associação de imprensa, abordando também o perfil do jornalista. Ele afirma que a falta de união existe em qualquer lugar do mundo e, mesmo com todas as adversidades, os jornalistas devem dar mais importância à força de sua profissão. Os clubes e associações de imprensa, assinala ele, têm mais sócios que não pertencem à classe do que jornalistas. Todavia, se mostra entusiasmado com a perspectiva de uma associação, a atual ABI. Sobre esta, comenta:

Não é simplesmente decorativa. É prática e útil. Fui dos que duvidei dela, até o presente momento. Mas já não é possível duvidar. Esse trabalhador incansável que é o Lacerda, socialista convicto e espírito prático, faz da Associação da Imprensa um admirável elemento propagador do Brasil, e uma instituição idêntica à “Associated Press”. A Associação já tem um serviço de informações, com *bureau* instalado, um serviço de lanchas e automóveis e intérpretes, anuário em início – é um fato. (08 de novembro)

O escritor também demonstra empolgação quando escreve sobre a revista *Fon-Fon*. No dia primeiro de março, Joe é só elogios para as publicações que, na sua concepção, nenhum carioca ousaria deixar de ler. Para o cronista, os escritores que colaboram para a elaboração das edições são demasiadamente talentosos, “capazes de

poder dividir o brilho intelectual, entre a grande arte e essa arte do espírito tão difícil de manejar e tão decisiva como a outra” (01 de março).

Inúmeros textos da coluna são críticas de Paulo Barreto a espetáculos teatrais. Em primeiro de março, por exemplo, um dos espaços é destinado ao *Cordão*, peça de Arthur Azevedo. Para Paulo Barreto, o homem é um grande escritor de teatro e incomparável quando o assunto é o conhecimento. O cronista diz que a encomenda era a de um pequeno ato para o Carnaval, mas Arthur surpreende e oferece uma deliciosa comédia. Nesse sentido, cabe destacar a “sátira feroz” intitulada *Quebranto*, de Coelho Neto (30 de agosto).

As beldades do teatro também têm lugar na crônica-reportagem de Paulo Barreto. O escritor descreve muitas delas, mas aqui assinalar-se-ão algumas no sentido de exemplificar: Carmen Ruiz, a espanhola “de lindeza cuidada” que possui a “a arte de ser mulher” (01 de março); Tina Lorenzo, sinônimo de “beleza perfeita e o coração suavíssimo” é, vista por ele, como uma artista digna de admiração (15 de março); Irene de Souza, “bela como a Vênus” (12 de abril); e por fim Lydia Gauthier, atriz italiana dona de uma inteligência “fina, aguda e mordaz” e de um francês perfeito, “pronunciado como um abandono delicioso” (26 de abril).

No que se refere às letras, o fenômeno é o mesmo. Imenso é o número de escritos destinados a novas publicações de obras literárias. No dia cinco de julho, o jornalista fala da quantidade de livros recebidos constantemente e aproveita para elogiar o brasileiro que, em suas palavras, sabe escrever versos. A oportunidade também serviu para enaltecer os livros *Poemas do Sonho e da Saudade*, de Paulo Brandão, e *Emeutário*, de Gustavo Teixeira.

Apesar de reforçar a capacidade do povo brasileiro, Paulo Barreto já havia falado da dificuldade que é escrever prosa. Em uma das crônicas do dia cinco de abril, afirma que músicos, pintores, escultores seriam capazes de escrever versos; no entanto prosa é coisa diferente, algo mais difícil. É aqui que Joe discorre sobre os livros: *Lendas Brasileiras*, de Carmen Dolores; *Intruso*, do tenente Augusto de Sá; e de Coelho Netto, *Fabulario* e *Jardim das Oliveiras*. Define o volume de Augusto como um romance de costumes militares; o de Dolores como “um apanhado muito leve e muito interessante do nosso ‘folk-lore’ para crianças, em que a vigorosa

escritora pôs o melhor da sua alma de mulher: a doçura, a simplicidade, o encanto” (05 de abril). A grande admiração, no entanto, é mérito de Coelho Netto. Segundo Paulo Barreto, “só a publicação de um livro desses faria a reputação e o renome de um escritor” (Ibidem), mas Netto vai além e publica três num mês. A respeito do gênio literário, devaneia:

Coelho Netto! O nome desse homem consegue desorganizar-me, enchendo-me de orgulho e de pasmo. Será ele mesmo o autor de tantos livros? Daria Deus a um homem só tanto talento e a força de o mostrar inextinguível, contínuo, vivo, perpétuo pelos anos afora na perpétua apoteose? Como não o venerar, moço assim e forte como o grande mestre e o guia honesto? Como não o indicar à mocidade? Como não o invejar, almejando ao menos fazer um pouco do que se assemelha a sua obra — o mais vasto, o mais completo monumento da intelectualidade brasileira neste começo de século? (05 de abril)

Em oito de março, já apontara Joe o talento de Netto. O cronista se revela abismado com o fato do literato “renunciar a todos os prazeres para aquela eterna prisão da pena” (08 de março). Nesse mesmo dia, confessa o temor, outrora sentido, ao imaginar que o cérebro de Netto poderia se esgotar. Tal sofrimento só passou quando o encontrou no teatro certa vez. O literato ia fazer um discurso, mas parecia tão acabado que Barreto se preocupou. No entanto, “Coelho Netto assomou ao camarote todo, o teatro caiu no silêncio meio hostil que é hábito nessas ocasiões”; o cronista observou “o feixe de nervos crescer e os (...) ouvidos ouviram na voz do gênio um discurso a lapidar no conceito, na forma, na divina essência que o constituiu”. E finalizou: “Nunca mais duvidei de Netto” (08 de março).

Alguns dos escritores lembrados foram também o poeta Cruz e Souza (26 de janeiro) e Luiz Edmundo (16 de fevereiro). O primeiro por fracassar ao se enveredar pelo jornalismo, como narrado na página da *Gazeta*. Já o segundo, por propor uma liga combativa a Paulo Barreto: a liga contra o feio. Além deles, serão citados alguns: Felinto de Almeida (05 de janeiro); Baptista Cepellos (12 de abril); João Ribeiro (19 de abril); e João Pereira Barreto (26 de abril); entre outros. É inegável o apoio dado por Paulo Barreto a novos escritores; no entanto alerta sobre a verbosidade e o suposto ineditismo, marca das “novas gerações” literárias (02 de agosto).

Se o assunto é arte, abordar-se-á também a pintura. Em cinco de janeiro, Joe conta de uma visita ao ateliê do mestre Amoedo, na Avenida Sete de Setembro. O cronista reforça a preparação do artista para compor as suas obras e afirma ser essa a razão do seu êxito: “É que Amoedo pensa muito as suas obras antes de compô-las. O trabalho de preparo cerebral para a *Narração de Philetas*, a *Partida de Jacob*, a *Saudade* foi de três a quatro anos.” (05 de janeiro). No dia 19 do mesmo mês, fala da exposição dos trabalhos de Helios Selinger, que acabara de chegar de Paris. De volta daquela cidade, faz uma exposição de suas obras. Ao conversar com o cronista, o pintor – que traz influências da Alemanha – exalta as belezas do Brasil em detrimento daquelas do exterior. Comportamento este, considerado por Joe o de um artista completo, pois “o amor da pátria é um aperfeiçoamento, talvez o último, dos espíritos de eleição...” (19 de janeiro).

Além de nomes ligados à literatura, pintura e teatro, observam-se também personagens políticos da época. Quando vê a quantidade de afazeres do presidente da Câmara Carlos Peixoto, por exemplo, Joe ironiza ao afirmar que bom é não entender e não saber de política (05 de abril). No dia seis de setembro, elogia o ministro Miguel Calmon que muito alcançou, mas quando se formou, “descendente de uma família de estadistas notáveis, tinha a ambição apenas de fazer uma grande estrada de ferro” (06 de setembro). Outra carreira homenageada é a diplomacia pelos nomes de Cardoso Moreira (04 de outubro) e Reynaldo de Silva e Lima (15 de novembro). Ao discorrer sobre o primeiro, faz piada com essa carreira de estado:

Nós temos certas idéias classificadoras de tipos segundo a profissão que adotam. O diplomata, por exemplo, é para toda a gente um cidadão elegante. Com muitas luvas, muitos rapapés, muitos *flirts*. O povinho quando quer definir um sujeito pachola diz: – “vai todo diplomata”. E na alta roda, quando o jovem não tem idéias e sabe várias línguas – (é o que quase sempre acontece, e eu, se me não fosse levado a mal pediria a psicólogos notáveis como M. Bonfim, para observar que os cavalheiros muito linguarudos são em geral falhos de idéias) – diz-se logo: – que corte de diplomata! (04 de outubro)

Em 17 de maio, o contemplado de uma das crônicas foi o conde Fernando Mendes de Almeida, “uma das figuras mais conhecidas, mais evidentes do mundo carioca”. O cronista, algumas vezes, o acompanhou pelos teatros. A partir desses

encontros, revelou que o “conde entra, sorri, diz duas ou três frases amáveis, assiste distraidamente um pedaço do ato, sai, entre em outro, dá dois dedos de prosa, e a sua palestra, é um tecido de humor e de encanto” (17 de maio).

Figura que despertou curiosidade em Paulo Barreto e não pode ser esquecida é a do Sr. Paranhos, diretor do Ginásio Nacional. Sempre tentando aparecer, o diretor “cheio de qualidades na posição modesta de reitor de um estabelecimento de ensino, não esteve com meias medidas, foi logo ao ‘looping de loup’, ao salto do abismo para saltar à admiração geral. Nisto é que está a bizzarria” (19 de abril). Logo que assumiu a direção do Ginásio, revolucionou; e os jornais chegaram a comparar a instituição de ensino com o Colégio Militar. Além disso, surpreendeu a todos quando revelou o desejo do Ginásio voltar a ser chamado de D. Pedro II.

Lembrada também em crônica de Paulo Barreto, foi a Madame Alice Gomensoro⁵ que recebia a “mais variada e curiosa sociedade” em sua residência todas as quintas-feiras (26 de abril). Além dela, outros tipos interessantes estiveram presentes na coluna dominical como, por exemplo, a bondosa Zizi (05 de abril) – dona de temperamento e alma invejáveis –; o Vieira Fazenda – funcionário do Instituto Histórico, “homem a quem o Rio deve respeitar como o cronista mais sábio da sua vida” (31 de maio) e o Guilherme de Sá. Em 28 de junho, Joe conta sobre um jantar na casa deste último, homem elegante e refinado, mas que deve a todo mundo. Durante a noite, aparece o Manuel cobrando uma dívida de empréstimo. Ao tomar conhecimento de que Guilherme não tem dinheiro para pagar a dívida, o cobrador indaga como então tem uma mesa tão farta e ele responde: “Ah! sim, o peru. Estás a ver, Manuel! Um peru de estimação! Fui obrigado a matá-lo e a comê-lo porque já não tinha dinheiro para lhe dar milho...” (28 de junho). Por conta desse jeito irreverente de Guilherme, o cobrador ri e acaba tomando champanhe com eles.

Mesmo sem a menor pretensão de dar um tom fúnebre ao presente trabalho, as últimas palavras serão sim sobre mortes. No dia oito de novembro, Joe discorre acerca do dia de finados e categoriza alguns cemitérios da cidade. Brinca o escritor que a igreja instituiu a comemoração para homenagear os poucos prestigiados na vida

⁵ É importante observar que a Madame Alice Gomensoro aparece como personagem de ficção em *A profissão de Jacques Pedreira*.

e que “agora a Humanidade Cristã, civilizada e polvilhada de positivismo, tem a festa dos mortos sob a sua máxima de que os mortos cada vez mais governam os vivos” (08 de novembro). Mais adiante, estabelece a associação entre as classes e os cemitérios:

O jovial cemitério do Catumby é bem dos ricos moradores de Haddock Lobo e Tijuca; o Caju é vulgar, é misto como a Cidade Nova e as ruas centrais: tem imensamente tudo; os dois outros das ordens cheiram a S. Cristóvão; e há um *up-to-date*, positivista, jacobino, nephilibata e elegante: o de S. João Batista. (08 de novembro)

No entanto, era com muito respeito que Paulo Barreto, em sua coluna, noticiava também falecimentos. Nas ocasiões, exaltava as qualidades e boas ações dos falecidos. No caso de Plácido Júnior, por exemplo, falou que “a vida de jornal e da literatura vão perdendo a pouco e pouco as suas figuras curiosas de boemia. Plácido era uma delas, da grande boemia com influência decisiva e a obediência do burguês” (15 de março). No final, despediu-se: “Adeus o reinado da confeitaria, adeus a vida de alegria, adeus a ‘boa idéia’ que foi a frase mais constante do Plácido” (Ibidem). Em 25 de outubro, não diferente, demonstrou pesar pela morte do político e literato João Pinheiro, “figura nobilíssima de varão, tão cheio de ensinamentos e de idéias” (25 de outubro).